



Força jovem

Curso e concurso incentivam empreendedorismo entre estudantes da graduação

Em 2014, uma disciplina sobre empreendedorismo e inovação, hoje destinada a alunos do último ano da graduação na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli-USP), será oferecida também a estudantes do primeiro ano. A iniciativa faz parte da reestruturação da grade curricular dos cursos de engenharia e o que se quer com ela é aproximar desde cedo o aluno de assuntos ligados à implementação e coordenação de negócios de inovação. “O conceito de empreendedorismo está ligado ao trabalho do engenheiro, que deve assumir a liderança da execução de projetos”, diz José Antônio Lerosa de Siqueira, professor de empreendedorismo da Poli e colaborador da Agência USP de Inovação. “Assim, é importante

o jovem ter contato desde o começo da graduação com atividades que envolvem planejamento e risco”, diz.

Ele está convencido de que o empreendedorismo precisa ser fomentado o mais cedo possível entre os jovens. Professor também do Senai em São Paulo, Siqueira



Lerosa: quanto mais cedo, melhor

conta que seu interesse pelo tema surgiu no início da carreira de engenheiro civil. “Formei-me em 1973 e logo consegui um bom emprego na área. Mas em 1978 a profissão entrou em crise no país e fui para a rua.” Insatisfeito com o salário que ganhava como professor na Poli, desde 1977, e sem oportunidades no mercado, Siqueira não viu outra solução a não ser abrir uma empresa de projetos de engenharia civil. “Tive que virar empreendedor”, diz ele.

Conciliando as atividades de empresário, consultor e professor, Siqueira diz que muitos dos conceitos que aprendeu na universidade só puderam ser testados “na carne” quando optou pela via do empreendedorismo. “Quanto mais cedo entramos em contato com nosso potencial empreendedor, mais conseguimos

transformá-lo em realidade. A carreira universitária não tem nada a perder com isso, pelo contrário”, afirma.

A atenção com a formação empreendedora na Poli teve início na pós-graduação em 2012. Depois de uma solicitação da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e da própria USP, a Agência USP de Inovação criou uma disciplina de empreendedorismo e inovação e outra sobre gerenciamento e execução, voltadas para alunos de várias áreas do conhecimento. Os cursos são semipresenciais e já formaram uma turma.

Neste semestre a Agência USP de Inovação deu início à seleção de 12 alunos de graduação que viajarão para Bayreuth, na Alemanha, onde participarão de uma competição de planos de negócios e tecnologia. Entre os dias 5 e 15 de janeiro, equipes formadas por estudantes da USP e das universidades de Illinois, Bayreuth e de Hong Kong – que tem um programa no qual o aluno aprende tecnologia e gestão simultaneamente – serão desafiados a elaborar projetos inovadores de veículos elétricos e a desenvolver planos de negócios para os produtos.

CAMINHOS COMPLEMENTARES

Um pé na terra, outro no mar

Oceanógrafo concilia a vida acadêmica com sua empresa de mergulho científico

“Vou embora”, disse Rodolfo Jasão Soares Dias ao deixar o emprego de programador em um banco em São Paulo. Seguindo a trilha do pai, que tinha deixado o trabalho também em banco para estudar odontologia, Jasão, como é chamado, viu que já podia fazer o que realmente gostava: mergulhar (ele mergulhava com o pai desde criança no litoral paulista). Ele foi mergulhador profissional em plataformas de petróleo em alto-mar durante dois anos, outra vez viu que o trabalho se tornava insuportavelmente rotineiro, pediu demissão e foi trabalhar como instrutor de mergulho recreativo em Fernando de Noronha e em Arraial do Cabo, litoral do Rio de Janeiro. “Estou partindo”, ele disse outra vez, quando resolveu estudar com afinco para fazer o vestibular para oceanografia na Universidade de São Paulo.

Em 2007, ao começar o curso, ele tinha 27 anos. “Meu sonho era fazer pesquisa com mergulho”, disse, após ter participado de coletas submarinas com biólogos em Rio das Ostras e Macaé, litoral do Rio. Jasão se espantou ao ver que o mergulho era pouco disseminado no Instituto de Oceanografia, mas aos poucos começou a ajudar professores e colegas em coletas de sedimentos e organismos marinhos.

Para aprender o máximo possível, Jasão participou de todas as viagens que pôde ao longo do curso. O conhecimento foi útil logo depois ao abrir uma empresa de mergulho científico e serviços submarinos chamada Subgeo, porque lhe permitiu planejar melhor o tempo e prever as dificuldades do trabalho a que se propunha fazer. Jasão e Hélio Teruo, também oceanógrafo, os dois únicos funcionários, trabalham pelo menos seis horas por dia para atender aos pedidos de coleta de sedimentos, fotografia e filmagem submarina, instalação ou retirada de equipamentos e mapeamentos que chegam de empresas, institutos de pesquisa e universidades.

A outra parte do dia e da noite Jasão e Teruo empregam nas tarefas acadêmicas – ambos fazem mestrado em oceanografia na USP. Os dois viajam muito. “Um dia estamos na Antártida, um lugar maravilhoso”, diz Jasão, “e no outro em Cubatão, no porto de Santos, poluído e malcheiroso”.

Para otimizar as coletas, ele criou um equipamento mais simples e mais leve que os usados, com um longo tubo de plástico rígido, braçadeiras e um peso, que lhe permitia fazer coletas de amostras de sedimentos nas chamadas águas pretas, de visibilidade zero, como a do porto de Santos. “Nessas situações, é preciso ter muito autocontrole, porque a falta de visibilidade incomoda muito a maioria das pessoas, além dos galhos e raízes grudados no fundo.”



Jasão: em Cananeia, instalando um medidor de correntes marinhas